Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

O PATRIMÔNIO COMO PROJETO DE UTOPIA: A IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO EM UBERLÂNDIA MG

HERITAGE AS A UTOPIA PROJECT: THE CHURCH OF THE DIVINE HOLY SPIRIT OF CERRADO IN UBERLÂNDIA MG

EL PATRIMONIO COMO PROYECTO DE UTOPÍA: LA IGLESIA DEL DIVINO ESPÍRITU SANTO DEL CERRADO EN UBERLÂNDIA MG

Anderson Vannucci
Doutorando pela Universidade Federal de Goiás UFG, Goiania/GO, Brasil

Resumo

Este artigo se propõe a analisar a construção de uma igreja em um bairro periférico na cidade de Uberlândia, estado de Minas Gerais. Esta igreja foi projetada pela arquiteta Lina Bo Bardi em parceria com os frades franciscanos que atuavam naquele bairro, sendo que todo o processo de planejamento e construção da igreja ocorreu com a participação ativa da comunidade. Tendo sido a igreja tombada em nível estadual pelo IEPHA nosso, objetivo é pensar este edifício como um patrimônio ligado tanto aquele processo específico de participação popular, mas, também, como um monumento de uma época em que os movimentos populares com o apoio da igreja progressista e de intelectuais alinhados, buscavam construir um novo projeto de país após a Ditadura Militar.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Movimentos populares. Direito à cidade

Abstract

This article aims to analyze the construction of a church in a peripheral neighborhood in the city of Uberlândia, state of Minas Gerais. This church was designed by architect Lina Bo Bardi in partnership with the Franciscan friars who worked in that neighborhood, and the entire planning and construction process of the church took place with the active participation of the community. Having been the church listed at state level by IEPHA, our objective is to think of this building as a heritage linked both to that specific process of popular participation, but also as a monument of a time when popular movements with the support of the progressive church and aligned intellectuals they sought to build a new country project after the Military Dictatorship

Keywords: Cultural heritage. Popular movements. Right to the city

VANNUCCI, Anderson. PATRIMÔNIO COMO PROJETO DE UTOPIA: A IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DO CERRADO EM UBERLÂNDIA MG. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-19, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la construcción de una iglesia en un barrio periférico de la ciudad de Uberlândia, estado de Minas Gerais. Esta iglesia fue diseñada por la arquitecta Lina Bo Bardi en colaboración con los frailes franciscanos que trabajaban en ese barrio, y todo el proceso de planificación y construcción de la iglesia se llevó a cabo con la participación activa de la comunidad. Dado que la iglesia fue catalogada a nivel estatal por el IEPHA, nuestro objetivo es pensar este edificio como un patrimonio vinculado tanto a ese proceso específico de participación popular, pero también como un monumento a una época en que los movimientos populares con el apoyo de la iglesia progresista e intelectuales alineados buscaron construir un nuevo proyecto de país después de la Dictadura Militar.

Palabras clave: Herencia cultural. Movimientos populares. Derecho a la ciudad

Entre a cruz e o esquadro: o projeto da Igreja do Espírito Santo do Cerrado

No ano de 1975, os freis Egydio Parisi e Fúlvio Sabiá, procuraram e convidaram a arquiteta Lina Bo Bardi a projetar uma capela para a comunidade onde eles atuavam no bairro Jaraguá. naquela época periferia de Uberlândia. O contato e conversação foram intermediadas pelo artista plástico Uberlandense Edmar de Oliveira que era amigo da arquiteta, inclusive, naquela época ela costumava passar temporadas hospedada no sítio de propriedade de Edmar no Triângulo Mineiro.

Lina se tornou amiga de Edmar a partir do interesse que este possuía na pesquisa da cultura tradicional do Triângulo Mineiro, quando ele levou algumas peças para uma exposição no MASP organizada por Lina que tratava da cultura popular brasileira[1]. A intermediação entre os dois foi feita através Flavio Império, amigo de ambos.

Lina passou a frequentar a propriedade de Edmar, a fim de poder conhecer melhor a paisagem e a cultura popular e tradicional da região do Triângulo, depois de ter acesso às pesquisas realizadas por Edmar sobre a região.

[1] Tratava-se da exposição “Repassos - Edmar e as tecedeiras do triângulo Mineiro” ocorrida em 1975, na qual tecedeiras de diversos distritos de Uberlândia confeccionaram 15 tapeçarias a partir dos desenhos de Edmar que foram expostas ao lado de fotografias, vídeos, ferramentas de trabalho, plantas do cerrado e artefatos diversos vindos do Triângulo Mineiro.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Antes, ainda, desse projeto, no final dos anos 1950, Lina morou na Bahia para realizar o projeto do Solar do Unhão e passou a viajar pelo interior do nordeste brasileiro pesquisando a cultura popular. Ela tinha como objetivo unir a fabricação industrial de objetos inserindo a tradição e a cultura popular no processo. Criou, também, o Centro de Documentação do Artesanato Popular do Nordeste na cidade de Salvador, através deste projeto ela buscou integrar a inovação da vanguarda com a arte popular.

Lina era socialista e apresentava diversas críticas à igreja católica, no entanto aceitou o convite após a intermediação de Edmar que a fez entender que o trabalho dos frades Franciscanos naquela localidade tinha forte papel social, assim decidiu realizar o projeto e doá-lo à comunidade.

Com a tomada do poder pelos militares Lina havia sido obrigada a abandonar seu projeto de pesquisa no Nordeste brasileiro, por isso o projeto realizado posteriormente em Uberlândia pode ser considerado como uma continuação de suas pesquisas anteriores.

> O que está colocado no Bairro Jaraguá não se trata de uma proposta isolada entre as obras da arquiteta, é produto gerado pela compreensão de um processo histórico que inclui todo o percurso de Lina, até encontrar condições de formular uma nova proposta à condição de subdesenvolvimento brasileiro. Mesmo sem uma relação direta com a realidade do nordeste e suas limitações, ela viu no cerrado de Minas a possibilidade de dar continuidade às suas pesquisas. (Lazarin, 2015, p.147).

Segundo Ferraz (1997) os frades italianos que atuavam na comunidade estavam alinhados à Teologia da Libertação, uma corrente progressista dentro da igreja católica que possuía diversos laços com as ideias de esquerda em geral e que atuava fortemente junto a comunidades carentes e periféricas.

> A igreja do Santo Espírito do Cerrado, em Uberlândia, foi encomendada por franciscanos italianos que lá viviam, nu momento em que a chamada igreja da libertação, que se contrapunha ao Vaticano por estar ideologicamente ao lado dos pobres, estava em seu auge. (Ferraz, 1997, p.172).

A Ordem Franciscana no Brasil chegou em Uberaba em 1953, sendo fundada a ordem franciscana de Nossa Senhora de Fátima em 1954 e abrindo

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

igrejas em Araguari e Uberlândia, a atuação dos frades em Uberlândia se dava na periferia, onde trabalhavam com a construção de escolas e lutavam contra o analfabetismo e o subdesenvolvimento.

Em 1975, a prefeitura autorizou a construção da Igreja no bairro Jaraguá, esta ficaria a cargo da Ordem dos Franciscanos de Nossa Senhora de Fátima e da Ordem das Carmelitas dos Pés Descalços, nesse processo se destacaram dois frades italianos, o frei Egídio Parisi e o Frei Fúlvio Sabiá.

Frei Egydio serviu como capelão do exército Italiano durante a Segunda Guerra Mundial, após o conflito esteve em diversos países e finalmente chegou ao Brasil onde viveu em Uberlândia até o final da vida. Atuou na construção de escolas, comunidades e até de um cinema na cidade, procurava distribuir o dinheiro arrecadado com os pobres, sendo considerado também como um crítico feroz da política tradicional de Uberlândia.

A construção da igreja foi iniciada em 1976 e concluída em 1982, sendo a construção realizada com a contribuição dos próprios moradores da comunidade trabalhando em regime de mutirão aos fins de semana. Os materiais para a sua construção foram conseguidos através de doações da comunidade e de empresas da cidade, tendo sido edificada com materiais próprios da região do Triângulo Mineiro o que tornava a obtenção destes mais acessível para uma comunidade simples como aquela, houve também a ajuda financeira de uma organização católica chamada *Adveniat*[2], mas a maior parte dos recursos materiais e mão de obra veio mesmo de contribuições, presentes e esmolas recebidas pela comunidade.

Relatos dos moradores que atuaram na construção da igreja ajudam a explicar como o trabalho foi organizado:

> A gente fazia o mutirão todo fim de semana. Era muito bonito. Durante a semana a gente saía nas casas pedindo as coisas pra fazer a comida. No fim de semana todo mundo ia pra lá. Os homens faziam os buracos no chão pra levantar as paredes, as mulheres cuidavam da comida e a meninada só brincava na terra e na poeira. Era uma festa, em todos os sentidos. Todo mundo conversava, trocava ideias. Era muito bom! (Nery, 2010, p.12).

[2] Organização Católica Alemã sediada na cidade de Essen que luta contra a pobreza na América Latina desde 1961 através de doações e projetos sociais (Lazzarin, 2015, p.51).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Um exemplo da gestão democrática e caráter de obra coletiva está no fato de que havia um conselho de construção formado por moradores eleitos para gerir e acompanhar o andamento das obras, inclusive, a planta circular da igreja não foi algo imposto pela arquiteta, mas foi o projeto aprovado pelos próprios moradores dentre vários propostos por Lina.

O projeto da igreja foi decidido de forma democrática, pois Lina se reunia quando possível e ouvia a opinião daqueles que ajudaram a construir a igreja, entre eles havia muitos carpinteiros e pedreiros. A arquiteta afirmou em entrevista que aquele espaço não havia sido pensado como um espaço cartesiano geométrico, mas como um espaço vivido, de encontros, na mesma entrevista ela diz que a igreja foi construída por crianças, mulheres e pais de família, evidenciando assim o caráter de obra coletiva (Vaz; Castro, 2020, p.4587)

Nesse contexto Silva traz uma questão bastante relevante para entender o projeto da Igreja do Cerrado a partir da perspectiva política de Lina:

> Nesse contexto, a arquitetura era pensada a partir do que poderia ser apropriado e evidenciado do lugar, quais os agentes sociais envolvidos, para qual uso mais se adequava e, dessa conjunção, interagir com o usuário, a coletividade e o espaço. (Silva, 2014, p. 31).

Segundo o relatório do dossiê de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), a simplicidade da construção e das características arquitetônicas do edifício provém não apenas dos recursos financeiros limitados, mas:

> Acima de tudo, estavam presentes traços de seu engajamento político-ideológico e arquitetônico, e que envolvia o trabalho com a comunidade local, o resgate de aspectos da genuína cultura popular, da compreensão e valorização de nosso enorme "caldeirão" cultural. (IEPHA, 1997, p.11, APUD Silva, 2014, p.33).

O conjunto é formado pela igreja, uma casa para abrigar religiosos e um salão comunitário, todos em formato circular, onde os volumes estão integrados entre si, esse formato foi pensado se referenciando em espaços culturais e religiosos de povos tradicionais. Assim o espaço comunitário e de reuniões é um exemplo interessante, pois ele foi inspirado nas construções de aldeias indígenas

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

da região do Cerrado e em lugares de culto de matriz Africana, segundo Ferraz o ecumenismo estava presente na organização de todos os espaços da igreja:

> Nesse projeto você tem de um lado um terreiro de Candomblé completamente africano, do outro uma igreja franciscana de pequena cidade italiana. No meio um "caracol (os claustros), uma área de concentração, de camarim", até chegar ao centro com um pequeno lago, um poço árabe. Tudo isso cercado pelas plantas do cerrado, culminando com o campinho de futebol bem brasileiro. "Ela é uma igreja pra lá do catolicismo, é uma igreja pagã, ou católica panteísta". (Silva, 2014, p.60).

A igreja foi construída respeitando a topografia do terreno urbano e possui uma característica mais horizontalizada, ela não se impõe na paisagem para além da altura das moradias do seu entorno imediato, aspecto bastante comum na construção das igrejas tradicionais cujas torres costumam ser mais altas que as edificações ao seu redor. Assim o conjunto faz parte da paisagem, mas não se impõe sobre ela, também não existem muros ou grades dividindo a área da igreja e o passeio público. Devido a isso a área da igreja acaba funcionando como uma espécie de extensão da rua, isto se torna possível porque se pode transitar pelo terreno tanto pela frente como pelos fundos o que o torna facilmente acessível pela vizinhança próxima.

Segundo Frei Egydio a alteração no nome de Igreja do Divino Espírito Santo para Divino Espírito Santo do Cerrado foi sugerida por Lina depois de visitar pela primeira vez o terreno onde ela seria construída, trazendo assim a toponímia do meio ambiente onde a igreja estava inserida como forma de explicitar o diálogo entre o edifício e o meio ambiente. O que se torna emblemático também pois o bairro nesta época estava localizado no que era a periferia da cidade e, portanto, o cerrado ainda estava fortemente presente na passagem dos moradores da região.

Para além dessa questão o nome adotado pela igreja propõe certas reflexões sobre a sua construção e seus usos posteriores, posto que ele remete à festa do Divino Espírito Santo surgida em Portugal na idade média e trazida ao Brasil com a colonização, esta festa esteve amplamente presente em todas as regiões do Brasil e resiste ainda hoje em diversas localidades.

Os aspectos mais interessantes sobre esta festa que dialogam com este projeto são o caráter da festa do Divino enquanto uma festa que celebra a utopia,

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

pois a teologia presente nesta celebração divide a história cristã em fases distintas onde o antigo testamento teria sido o tempo de Deus Pai criador do mundo, sendo nosso tempo presente a época de filho Jesus Cristo seu filho, assim sendo o tempo do Espírito Santo ainda estaria por vir sendo celebrada através da festa do Divino, sendo esta portanto uma celebração da esperança. Nesse sentido essa é uma festa com importantes características sociais e porque não dizer políticas, como observa Fátima:

> A hipótese é de que a Festa contém a potencialidade de transformação da sociedade, uma vez que revela contradições socioespaciais, luta de classes e clamor por justiça. A Festa ocupa as ruas onde manifesta suas necessidades de ordem prática e espiritual: distribui alimentos (considerados sagrados), acolhe os aflitos e doentes numa comunhão de solidariedade e pede por bênçãos a toda a humanidade. A Festa do Divino se realiza no coletivo, no popular, e não fecha as portas a ninguém: todos podem participar, independentemente da sua condição social, de etnia, de gênero etc. (Mariano, 2022, p.167).

A autora ainda afirma a festa do Divino Espírito Santo como uma utopia[3] que traz em seu cerne potencialidades criadoras, as mesmas potencialidades presentes no projeto e construção populares da Igreja do Espírito Santo do Cerrado Mineiro.

Quando novos personagens entram em cena: a comunidade do bairro Jaraguá e atuação popular na construção do Brasil pós-ditadura

O Bairro Jaraguá surgiu em 1964 a partir de um processo de loteamento, sendo construído às margens do rio Uberabinha em uma região sem infraestrutura adequada, o bairro foi formado por migrantes em busca de trabalho. Naquela época a Igreja de Nossa Senhora de Fátima possuía apenas uma capela de madeira em uma área cedida dentro do quartel do exército localizado naquela região, construída especialmente para atender a comunidade local, por isso foi elaborado pela comunidade um conselho de construção para a nova igreja.

[3] No caso em questão tratar-se-ia de uma utopia de caráter político-religiosa, sendo que a utopia pode ser definida como o conceito de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideais, com leis justas e dirigentes verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros. https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/utopia/

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Conforme depoimento de um morador da época:

> Nessa época, isso tudo aqui era mato, era cerrado puro. A rua era de terra e só se via a poeira levantando. Muita terra, terra vermelha que doía, era pó vermelho ou barro vermelho. Não tinha luz, não. Não tinha água. Pra construção da igreja, nos mutirões, a gente usava água de cisterna, cedida pelos vizinhos. (Nery, 2010, p.11).

Naquela época a cidade de Uberlândia crescia rapidamente, tendo seu crescimento se intensificado a partir da construção de Brasília nos anos 1960, assim as periferias urbanas como o bairro Jaraguá surgiam e cresciam de maneira desordenada e sem acompanhamento público das autoridades. A partir dos anos 1970 em meio ao chamado milagre econômico o afluxo de imigrantes para Uberlândia foi ampliado ainda mais, dentre os principais motores deste processo estava o crescente êxodo rural em direção às cidades médias e grandes em busca de emprego, conforme situa Almeida:

> Os migrantes vindos para a região do Triângulo Mineiro, e mais precisamente para Uberlândia, vinham em busca de emprego e moradia e ainda, aproveitando-se desse contexto, as empresas imobiliárias expandiam seus empreendimentos, tornando-se grandes responsáveis pelo crescimento demográfico dessa região. Foi nesse contexto que surgiu o Bairro Jaraguá, localizado na Zona Oeste da cidade, às margens do rio Uberabinha. Nessa época a comunidade local era composta por uma população trabalhadora, de baixo poder aquisitivo, que construía suas residências à beira do rio, em condições precárias, sem saneamento básico, asfalto, energia elétrica e transporte. (Almeida et al., 2014, p. 60).

Deste processo surge a necessidade de organização pelos moradores das periferias, nesse sentido teve papel importante na organização popular movimentos externos à comunidade como por exemplo as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) que estavam presentes em Uberlândia já no início dos anos 1980 onde atuavam em diversos bairros incluindo o Jaraguá, muito embora não se possa afirmar que estivessem ativos no processo da construção da igreja dos Franciscanos.

Assim as CEBs surgiram a partir da década de 1970 e se espalharam pelas periferias de todo o Brasil, eram organizações ligadas à igreja católica, porém com forte autonomia e uma atuação de caráter político e social bastante presente. Elas

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

acabaram se tornando uma alternativa neste período em que ainda havia forte repressão da ditadura militar sobre os movimentos sociais, devido ao seu caráter de organização religiosa conseguia escapar do controle mais restrito dos militares,

Neste mesmo período a atuação dos Franciscanos no Triângulo Mineiro não era diferente:

> Desde os primeiros anos da década de 1980, os frades da Fundação estiveram ativamente envolvidos e ligados às lutas socio-territoriais no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. No campo das lutas populares, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra, os frades acompanharam solidariamente os trabalhadores rurais em suas lutas como boias-frias, a reestruturação dos sindicatos de trabalhadores rurais e de trabalhadores da educação pública, acompanhamento da agricultura familiar e agroecologia, além da luta pela terra e reforma agrária desde 1985, juntamente com famílias de sem-terra e seus movimentos, e com os sem teto. (Péret, https:ofmscj.com.br. 2023)

Com o golpe civil-militar de 1964 e a instalação da ditadura teve início uma perseguição aos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda e aos movimentos que buscavam uma transformação radical da sociedade. Com o declínio da ditadura teve início um processo de abertura do regime e novas formas de organização social de cunho popular começaram a se constituir já a partir dos anos 1970, elas buscavam driblar as restrições do governo às organizações políticas, também possuíam estratégias diferenciadas quando comparadas às formas de representação popular existentes dentro dos partidos de esquerda. Estas novas organizações sociais se desenvolveram especialmente nas periferias urbanas que estavam um pouco mais distantes da vigilância estatal.

Assim a periferia passou a se constituir em um espaço público ideal para as reivindicações populares, pois ela passou a atrair toda uma série de agentes políticos que tiveram seus espaços de luta política fechados pela repressão como militantes sindicais, militantes de esquerda, operários ligados à igreja católica entre outros. Ou seja, esses novos movimentos passaram a construir espaços bastante plurais de articulação política.

Este processo também acarretou uma introjeção no mundo cotidiano que irá moldar as novas formas de atuação política a partir de então, essas novas formas

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

ficaram conhecidas como movimentos sociais urbanos[4], que se definiram por serem movimentos articulados entre si agrupando questões não somente locais e que buscavam principalmente melhorias nas condições de vida. Boa parte destas reivindicações eram direcionadas ao Estado, ao qual exigiam creches, escolas, postos de saúde, transporte público, saneamento básico entre outras melhorias. Esses movimentos nascidos nas periferias urbanas se tornaram referência para a construção de novas identidades como sujeitos políticos.

Sader (1988), ao abordar esse período, busca entender as formas de reconstrução do espaço público pelos novos movimentos sociais nessa época através da disputa do que ele denomina como “pedaços da cidade”. Chama a atenção para o fechamento tanto dos espaços públicos de manifestação política quanto os espaços de convivência social por parte do regime militar, sendo preciso promover a *re-feitura* paciente desses espaços públicos de expressão popular. Ele afirma que essa disputa por esses pedaços contribui para um *re-estriamento* da paisagem urbana criando por onde fluem novos significados coletivos que ressignificam esses territórios periféricos (p.121).

Os depoimentos de moradores do bairro Jaraguá que atuavam na comunidade da igreja do Cerrado neste período nos dão uma ideia sobre a constituição do espaço comunitário da igreja como um espaço também de organização social dos moradores:

> Antes da construção da igreja a gente não tinha onde se encontrar. Às vezes, a gente trocava umas ideias, no final da tarde, na porta de um ou outro vizinho. À noite, ninguém podia fazer nada mesmo, porque não tinha luz. O frei Fúlvio ficava muito bravo com a situação. Quando construímos a igreja, foi tudo uma maravilha. Aí, a gente já tinha um lugar pra reunir. E a gente ia pra lá. Falava dos problemas que a gente tinha, né? Não tinha água, não tinha luz, não tinha escola para as crianças, não tinha postinho de saúde, não tinha nada. Só mato, muito mato e muita poeira. Aí o frei Fúlvio e as freiras falavam pra gente, que a gente tinha direito de ter escola, de ter trabalho. Lá oh! no galpão, as freiras ensinavam uns chás pra curar doenças, porque a gente não tinha médico, né? Tinha ensinamentos pros jovens, para as crianças. E tinha cursos também, era bordado, costura, coisas assim. (Nery, 2010, p.13).

[4] Segundo a definição de Castells o movimento social urbano é um sistema de práticas resultando da articulação de uma conjuntura do sistema de agentes urbanos e das outras práticas sociais, de forma que seu desenvolvimento tende objetivamente para a transformação estrutural do sistema urbano ou para uma modificação substancial da relação de forças na luta de classes (1983, p.377).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ainda segundo relatos nesta época a Igreja era ponto de encontro para as reuniões que os frades marcavam com autoridades do município incluindo os prefeitos. Eles também relatam como eram difíceis essas negociações e que por diversas vezes essas autoridades não compareciam aos encontros marcados. Ainda assim, não houve desistência por parte dos moradores em sua luta, que desta maneira acabaram conquistando um posto de saúde e a parceria do município para a construção de uma creche.

Os relatos dos moradores afirmam ainda que teria havido algumas mudanças significativas com a eleição de Zaire Resende para a prefeitura, pois teria sido na gestão dele em que o asfalto teria chegado ao bairro pela primeira vez. Houve a construção da Escola e de um Posto de Saúde maior e com uma estrutura mais adequada para atender a população do bairro. No entanto ressaltam que estas melhorias não teriam sido uma concessão, mas o fruto da luta intensa dos moradores desde gestões anteriores que se deparavam agora com uma Administração Municipal mais atenta às demandas populares, conforme as palavras de um morador em depoimento, “mas tudo começou lá, minha filha, lá naquele galpão da igreja, que nós ajudamos a construir” (Nery, 2010, p.14).

Por essas razões, vale a pena tratar um pouco sobre o contexto político em que ocorreu a eleição de Zaire Rezende em 1983, havia naquela época um jornal chamado Primeira Hora fundado em 1978 com a colaboração de Zaire e de membros dos cursilhos[5] da Igreja Católica sendo este o único jornal a fazer crítica ao regime militar e tendo perdurado até 1989, embora Zaire fizesse parte da elite de Uberlândia sua família não possuía uma tradição política na cidade. O futuro Prefeito era filiado ao PMDB e, portanto, fazia oposição formal ao grupo político preponderante na cidade e que estava ligado ao partido do regime militar a ARENA, as eleições deste ano foram as primeiras eleições diretas após o regime militar e a vitória de Zaire tirou do poder de Uberlândia o grupo dirigente que estava lá desde a época do golpe.

Embora o novo Prefeito não fosse ligado aos movimentos sociais sua política procurou buscar apoio nas classes populares trazendo-as para o centro da cena política, o programa de governo quando ainda era candidato foi elaborado

[5] O movimento de cursilhos da cristandade é um movimento eclesial de evangelização cristã que chegou ao Brasil nos anos 1960.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

através de consultas públicas nos diversos bairros da cidade. Depois da eleição foi criado um conselho comunitário de entidades que congregava a maioria delas e que atuava em colaboração com o governo delineando propostas de atuação, várias associações de bairro foram institucionalizadas embora tivessem apenas um caráter consultivo, mas contribuíram para descentralizar a gestão pública da cidade.

No entanto, essa gestão não conseguiu fazer um sucessor e na eleição de 1989 o prefeito que havia governado a cidade antes de Zaire e que era ligado às elites tradicionais voltou ao poder. Nesta eleição houve uma divisão dos votos populares com a emergência do PT que se encontrava mais alinhado com as demandas sociais que o grupo político de Zaire sem, no entanto, possuir ainda a força política suficiente para conquistar a prefeitura. Ao mesmo tempo, o projeto popular que estava se delineando naquela época acaba perdendo a força organizacional, o Frei Fúlvio Sabiá que tinha estado à frente da Igreja do bairro Jaraguá com o pároco durante todo esse período também acabou saindo em 1993, com isso os projetos sociais ligados àquela comunidade sem contar como o mesmo apoio por parte das novas lideranças religiosas também foram perdendo força com o passar do tempo.

O Moderno e o popular: o patrimônio arquitetônico e a memória coletiva

Em uma entrevista Lina Bo Bardi afirmaria “Fui convidada pelo frei Egydio Parisi, Franciscano do cerrado do Triângulo Mineiro, para fazer uma igreja na periferia de Uberlândia MG, entre um quartel militar e um bairro popular” (Sonda, 2020, p.123), este depoimento nos ajuda a compreender o que estava por trás do projeto de construção de uma simples capela na periferia de Uberlândia, pois este era um período em que a ditadura militar começava o lento processo de deixar o poder no Brasil. Também demonstra os impasses existentes para os intelectuais progressistas e de esquerda naquele momento político do país, finalmente serve para podermos perceber as articulações que estavam sendo promovidas entre eles e os setores populares no processo da abertura política.

Nesse sentido os arquitetos também vinham desempenhando um papel político e social de grande relevância naquele período, por isso cabe comparar a

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

construção da igreja do Bairro Jaraguá contrastando-a com outros projetos deste período tanto no Brasil quanto especificamente na própria Uberlândia. Pois esse projeto representa a expectativa de um outro projeto de modernização da cidade e do país, oposta aos projetos de modernização conservadora iniciados no período militar e que ainda preservam traços hoje em dia. Muito pelo contrário, ele representa uma utopia de modernização popular e progressista que inspirou diversos movimentos sociais naquela época.

Por outro lado, segundo Lazarin (2015), o espírito da ditadura militar proporcionou não apenas uma nova ordem social, mas foi o cenário para toda uma série de novas condições que permitiram ao regime executar o seu projeto desenvolvimentista excludente e conservador tendo a arquitetura como um de seus instrumentos mais eficientes.

A partir dos anos 1970 a cidade de Uberlândia crescia e as elites locais através das autoridades municipais buscavam tirar o ar interiorano que a cidade possuía até então com a construção de grandes obras públicas visando modernizar o espaço urbano, assim começa neste período a construção de uma Uberlândia moderna.

Iniciado a partir do período da ditadura militar e continuando posteriormente diversas obras arquitetônicas erigidas na cidade de Uberlândia possuíam características modernistas de modo a demonstrar como a cidade era moderna e dinâmica e funcionar como uma vitrine sobre o crescimento da economia local. Tendo sido os projetos realizados como forma de demonstrar a grandiosidade da cidade no contexto econômico nacional.

A Praça Sérgio Pacheco foi construída em 1974 com projeto do paisagista Burle-Marx, nela deveriam ser construídas os edifícios da Prefeitura, da Câmara Municipal e do Fórum da cidade seguindo como inspiração a praça dos três poderes em Brasília construída alguns anos antes, apenas o edifício modernista do fórum foi concluído em 1977, em 1978 foi concluído o Estádio Municipal da cidade, uns dos maiores do país ainda hoje.

Em 1976 foi inaugurada a nova rodoviária de Uberlândia batizada de Presidente Catello Branco e que seguia os padrões modernos da arquitetura da época. Segundo Segawa (2002), as rodoviárias naquele período tinham importância como espaço de convivência, pois passaram a abrigar também

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

lanchonetes, restaurantes e pequenas lojas do comércio local num período em que ainda não havia shoppings. Eram bastante importantes na produção da nova paisagem nacional devido ao intenso crescimento da malha rodoviária no país, assim rodovias se constituíram em um dos cartões postais da noção de progresso econômico e de integração nacional propagados pelo governo militar.

Um exemplo mais tardio deste projeto modernizador é o Teatro Municipal de Uberlândia projetado por Oscar Niemeyer em 1989, mas inaugurado apenas em 2012, sendo Niemeyer e Bo Bardi dois dos mais importantes expoentes da arquitetura moderna no Brasil. Neste novo momento histórico, no entanto, a arquitetura moderna não possui mais o papel social e político que possuía há algumas décadas, pois já não funciona como instrumento para a modernização ou mesmo reorganização espacial das cidades contemporâneas. Nesse sentido a construção de um teatro projetado por Niemeyer busca também, ainda hoje, uma ideia da Uberlândia moderna em novos tempos em que a cultura se tornou também uma forma de distinção social coletiva e passou a possuir valor econômico relevante para a economia das cidades, assim o teatro municipal se tornou uma vitrine de uma cidade que continua querendo se mostrar continuamente moderna.

A igreja modernista do Bairro Jaraguá foi tombada a nível estadual pelo IEPHA no ano de 1997[6], tendo sido seu tombamento solicitado pelo Instituto Lina Bo Bardi em conjunto com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), sendo este o único edifício na cidade de Uberlândia tombado por aquele órgão. Em 1996 o Instituto Lina havia chegado ao entendimento de que a igreja precisava de reparos e para isso se organizou para preparar pequenas reformas e adaptações no edifício, após a realização destas ficou decidido que seria feito o pedido de tombamento da igreja para melhor preservá-la.

O pedido de tombamento encaminhado pelo Instituto justificava a solicitação a fim de preservar o edifício e a memória da comunidade, durante as vistorias do IEPHA várias das alterações que haviam sido realizadas no edifício e no seu entorno foram criticadas como díspares em relação ao projetor original. O anexo construído para servir como centro pastoral foi demolido porque o órgão buscava

[6] O tombamento está homologado na Ata da reunião ordinária realizada em 18 de fevereiro de 1997, publicada no Diário Oficial do Estado em 18 de março de 1997, inscrita no Livro I – do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro II – do Tombo de Belas Artes; Livro III – do Tombo Histórico.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

preservar a integridade física do projeto original do edifício. Isso não agradou aos arquitetos do Instituto nem as lideranças da igreja que administravam o templo, porque estes desejavam a preservação do bem arquitetônico, mas não concordavam com o engessamento proposto e executado pelo órgão de preservação, conforme afirmado por um dos arquitetos à época:

> A igreja não pode virar bibelô de patrimônio histórico, ela não pode ser -" ah, que belo exemplo", e nunca mais vai ser usado, então deixa de ser igreja. E ela, antes de tudo, ela é uma igreja, ela é da comunidade, o Padre que comanda aquela comunidade, e tem que ser respeitada e tem que funcionar, o patrimônio histórico para a gente tem que funcionar. Se não funciona, ou ele vai ser uma relíquia muito importante, vai ficar dentro de uma redoma, mas aí alguém tem que cuidar, tem que pagar, tem que manter e não é isso que acontece nesse caso, a igreja não é isso. Ou ela tem que ir se adequando às necessidades atuais, contemporâneas, a um mundo que vai mudando, a vida que mudar. (Silva, 2014, p.109).

Assim percebemos que o processo de tombamento da igreja de certa forma aliena a comunidade que a construiu com a próprias mãos e que se utiliza do espaço de várias maneiras, burocratizando assim um projeto originalmente popular a transformando o patrimônio em vitrine ao invés de pensá-lo através dos usos sociais para a comunidade onde ele está inserido.

A partir deste debate o conceito de lugares de memória trazida por Nora nos convida a pensar sobre a questão de lugares representativos para o fortalecimento dos laços comunitários em torno de um bem comum, onde esses lugares de memória possuem assim três aspectos essenciais; o material onde a memória pode ser sentida, o funcional que tem a função de dar alicerce as memórias coletivas e o simbólico onde a identidade se revela, sendo que eles coexistem sempre simultaneamente.

Segundo Nora (1993), eles podem ser não apenas marcos físicos na paisagem, mas também comemorações ou cultos, tudo isso pode ser lugar de memórias. Assim, a manutenção da igreja do Cerrado como um espaço vivo em uso está presente enquanto memória para a sua comunidade não apenas enquanto bem arquitetônico, mas como espaço de celebrações, de festas e de rituais através dos quais a comunidade se mantém unida e celebra uma memória construída em comum.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Essa construção das memórias coletivas de uma comunidade em um bairro periférico deve levar em conta também o que Pollak (1989) chama de memórias subterrâneas, pois a constituição de memórias em determinadas sociedades não ocorre de forma igualitária, as memórias de grupos subordinados ou marginalizados são sufocadas em prol da memória dos grupos hegemônicos. Assim sendo para que estas memórias silenciadas venham a ocupar os seus espaços são necessários o confronto e o conflito para que vejam a luz do dia.

Canclini (1994), por sua vez contribui para nossa reflexão através da questão já citada sobre os usos sociais do patrimônio, onde afirma que o patrimônio cultural expressa a solidariedade daqueles com quem compartilham bens e práticas sociais em comum, mas que também pode se transformar em um lugar de cumplicidade social. Para fugir desta armadilha é necessário pensar o patrimônio cultural a partir da reprodução social, ou seja, refletir sobre as diferentes formas de apropriação social do patrimônio segundo a localização dos grupos na sociedade de classes, onde as classes populares possuem mais dificuldade em tomar consciência e transformar em patrimônio suas criações e também a maior dificuldade em difundi-las como um valor perante a sociedade onde vivem.

Essa dificuldade mostra-se muitas vezes através da alienação dos produtores de um bem cultural quando este bem é patrimonializado, isto é, adquire valor dentro de uma sociedade. Assim como no caso da igreja do Cerrado onde esta se tornou um patrimônio devido ser um projeto realizado por uma das mais importantes arquitetas modernistas do Brasil e, portanto, seus valores artísticos e tipológicos são amplamente valorizados. No entanto este aspecto acaba alijando todo o processo através do qual a igreja foi construída, o contexto histórico no qual está inserida e o esquecimento de certos agentes fundamentais para que ela fosse construída e que se mantenha ativa até os dias de hoje.

Por esse motivo pode-se afirmar que:

> Sendo assim, muito mais que a “Igreja de Lina Bo Bardi em Uberlândia”, como é de conhecimento no campo da arquitetura, esta é a igreja do povo, da comunidade do bairro Jaraguá, como colocou D. Ana Alice (2014. Informação verbal), “[...] a nossa, é, eu falo, a nossa! igreja”. (Silva, 2014, p.117).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A fim de escapar da armadilha deste esquecimento seletivo é necessário pensar no patrimônio como uma forma de potencialização de atos coletivos, assim o processo de patrimonialização deve servir como uma valorização das dimensões culturais e simbólicas das ações coletivas dos diversos grupos constituintes da sociedade. Desde a constituição de 1988 e da renovação naquela década das políticas públicas relacionadas ao patrimônio cultural em direção a uma maior representatividade da diversidade das manifestações culturais da população brasileira, os grupos subordinados e as minorias têm tido mais atenção dentro das políticas públicas, inclusive na valorização das memórias de movimentos políticos e sociais.

Por fim podemos concluir a partir da ideia de espaços residuais conforme pensado por Lefebvre (2011), pois os espaços residuais são espaços que buscam escapar da apropriação privada dos espaços urbanos trazendo usos públicos coletivos para eles, esses espaços visam garantir algum sentido de continuidade e permanência para a comunidade da qual fazem parte. Para Lefebvre os espaços residuais são lugares de potencialidades criadoras que podem emergir a partir dos lugares de memória, contribuindo para construir um outro projeto de cidade.

O patrimônio desta maneira também se torna instrumento a serviço da produção do direito à cidade que se manifesta como uma nova forma de vida urbana a partir da qual se pode pensar a apropriação coletiva pela população dos espaços públicos da cidade de forma coletiva e não privada, nesse sentido ele se desdobra em direito à liberdade, a socialização e a habitar através da atividade participante e ativa no espaço público.

Referências:

ALMEIDA, Ivete B; MENDONÇA, Christoffer Lima. O processo de tombamento da paróquia divino espírito santo do cerrado, projetada por Lina Bo Bardi. **Revista Relicário.** Vol. I, nº 2, jul./dez. 2014.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

CANCLINI, Nestor G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do IPHAN**. N° 23. Pag. 94-115. 1994

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983

CUSTODIA franciscana do sagrado coração de Jesus. Triangulo Mineiro: 70 anos da presença e evangelização dos frades franciscanos. Disponível em: htpps//ofmscj.com.br/triangulomineiro:70anosdapresençaeevangelizaçãodosfradesfranciscanos. Acessado em 03/07/2024

FRANÇA, Eduardo Oliveira. Complexidade, lugar e cultura: arquitetura de Lina Bo Bardi como mediadora entre os sujeitos e as suas manifestações. **Dissertação** (mestrado). Belo Horizonte. UFMG.2009

LAZARIN, Ariel Luis. A Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado e suas alternativas a arquitetura brasileira. **Dissertação** (mestrado). FAU USP. São Paulo. 2015

LEFBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011

MARIANO, Neusa de Fátima. A festa do divino como resistência e como utopia, in: **Paisagens patrimoniais e artes na América Latina**. São Luis. Editora UEMA, pp. 167-178. 2022

MIRANDA, Ana Paula Tavares. Ação, protagonismo e movimento social na igreja espírito santo do Cerrado. **Revista Relicário**. Vol. I, nº 2, jul./dez. 2014

NERY, Valeria Cunha A. "Com o suor do teu rosto": a construção da cidadania pelos moradores do Jaraguá. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. **Projeto História,** São Paulo, ed. 10, pp. 7-28, dez/1993.

PEREIRA, Cines Canisio. **Democracia participativa***, sua lógica e sua prática*. TCC. UFU. Uberlândia. 1988

PERET, Frei Rodrigo de Castro. **70 anos da presença evangelizadora no triângulo mineiro.**(https://ofmscj.com.br/triangulomineiro:70anosdapresencaeevangelizaodosfradesfranciscanos). 2023

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena:** experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). Editora Paz e Terra. São Paulo. 1988

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil***: 1900-1990*. São Paulo. EDUSP. 2002

SILVA, Natalia A. M. Lina Bo Bardi e a cultura popular – a Igreja do Divino Espírito Santo. **Revista Relicário**. Vol. 1, n° 2 Jul/Dez 2014

SONDA, Laise Inês. Construir, tecer e celebrar: a igreja do espírito santo do cerrado, de Lina Bo Bardi. **Cadernos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo.** Vol. 20 n° 2 Jul/Dez 2020

VAZ, Caroline Fernandes; CASTRO, Maria Luiza A. C. Arquitetura vernácula como inspiração: Estudo de Caso da Igreja Espírito Santo do Cerrado em

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Uberlândia/MG, projetada pela arquiteta Lina Bo Bardi**.** **Braz. J. of Develop**., Curitiba, v. 6, n. 1, p.4577-4593 jan. 2020.

Recebido em: 21/10/2024.
Aceito em: 18/04/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Anderson Vannucci
Doutorando em História pela UFG, mestre em História pela PUC-SP, graduado e licenciado em História pela USP
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3198-0550
E-mail: vannucci_clio@hotmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE